

caminho possível para que os valores se revertam, para sair da crise de valores na qual a sociedade se encontra, e para tal deve-se “reinventar o mundo”, nas palavras do autor.

**Bibliografia auxiliar:**

LÉVY, Joseph J. **Entretiens avec David Le Breton.** Montréal-Paris: Téraèdre, jan.2010. 187 p. (Collection [Ré] Édition).

Entrevista recebida em 01.07.2010

Entrevista aprovada em 01.10.2010

# À Sombra da Figueira

## Santa Fé, de pequeno povoado a cidade moderna

Letícia Valandro<sup>1</sup>

**Resumo:** *O Tempo e o Vento*, trilogia do escritor gaúcho Erico Verissimo, compreende 200 anos da história do Rio Grande do Sul e do Brasil. Através da saga da família Terra Cambará, essa história é vivida e contada. Santa Fé, que de pequeno povoado, transforma-se em cidade moderna, é o espaço-personagem da narrativa. Personagem, e não apenas cenário, devido a sua importância para a percepção da passagem do tempo. Como microcosmo do Rio Grande, do Brasil, Santa Fé tem sua construção, colonização, modernização e incipiente industrialização descritas e acompanhadas com grande proximidade. Em meio às transformações, à passagem das gerações, um elemento permanece à vista e constante: é a figueira grande, disposta estrategicamente no centro da praça. Personagem presente desde a fundação do povoado, pela sombra da figueira circulam representantes de cada geração da família Terra Cambará, os quais, sob ela, encontram a proteção que somente sua atemporalidade, perenidade e simbologia podem propiciar. A figueira, portanto, testemunha o desenvolvimento de Santa Fé, sendo dessa uma espécie de símbolo.

**Abstract:** *The Time and the Wind*, trilogy of the Brazilian writer Erico Verissimo, understands 200 years of the history of the Rio Grande do Sul and of Brazil. It is through the journey of the family Terra Cambará that this history is counted and lived. Santa Fé, that of small town is changed into modern city, is the space-personage of the narrative. Personage, and not only scene, which had its importance for the perception of the passage of the time. As microcosm of the Rio Grande, of Brazil, Fé Saint has its construction, colonization, modernization and incipient industrialization described and followed with proximity. In way to the transformations, to the passage of generations, an element remains present, constant and immovable: it is the great fig tree, disposed strategically in the center of the square. Present personage since the foundation of the town, for the shade of the fig tree circulates representatives of each generation of the family Terra Cambará, that under it finds the protection that only its atemporalidade, perennial and symbology can propitiate. The fig tree, therefore, testifies the development of Santa Fé, being of this a species of symbol.

**Key-words:** City; fig tree; modernization; Santa Fé  
**Figueira: símbolo de Santa Fé**

Aquela que pode ser considerada a maior e mais importante obra de Erico Verissimo, *O Tempo e o Vento*, teve sua primeira parte publicada em 1949. *O Continente* abarca a formação do Rio do Grande do Sul de 1745, período marcado pelo episódio das Guerras Guaraníticas – consequência do Tratado de Madri – até 1895, em que a Revolução Federalista, guerra intestina entre republicanos e federalistas, é o argumento histórico. Dois anos após a publicação da primeira parte da trilogia, *O Retrato* é publicado. Concentrado na construção da figura de Rodrigo Terra Cambará, ele contempla o início do século XX até 1945, ano marcado pela queda da Ditadura Vargas. *O Arquipélago*, fechamento da trilogia, também diz respeito à primeira metade do século XX e marca a passagem para um novo Rio Grande e um novo país. Publicado somente em 1962, é imprescindível para a plena apreciação da obra, já que somente nele o leitor

conhece o narrador da saga dos Terra-Cambará.

Ao longo dos 200 anos que a trilogia contempla, tem-se a história da formação, colonização, modernização e incipiente industrialização da sociedade gaúcha. Nesse sentido, a família Terra Cambará e Santa Fé servem como representações da construção e evolução do Rio Grande do Sul. Do típico gaúcho da estância, como Toríbio, a Floriano, o intelectual do século XX, as guerras, o código de honra, o diferenciado papel do homem e da mulher, o receio do novo e moderno, a miscigenação propiciada, sobretudo, pela imigração européia, até a chegada da luz elétrica e da aviação, todas essas características e alterações são englobadas pela narrativa.

Nessa, o espaço físico, segundo Célia Ferraz de Souza, não aparece “apenas como cenário, de forma passiva, mas também como uma personagem, cujo papel é orientar o percurso do tempo, de todas as outras personagens”<sup>2</sup>. Como dimensão do espaço público, cuja relevância comprova-se ao longo de toda

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Atualmente é bolsista de mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e aluna vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cursa nova graduação em Letras - Português e Italiano. letivalandro@hotmail.com.

<sup>2</sup> FERRAZ DE SOUZA, Célia. A representação do espaço na obra de Erico Verissimo: *O Tempo e o Vento*. In: \_\_\_\_\_. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Organização de Robson Pereira; ilustrações João Luiz Roth. Santa Maria, RS: UFSM; Bauri, SP: EDUSC, 2000.

a trilogia, aparece a praça da Matriz e, mais especificamente, a grande figueira que se encontra em seu centro. Sob ela circulam todas as gerações da família Terra-Cambará. As preparações, despedidas e retornos de guerras, festas, suicídios e enforcamentos, a chegada dos imigrantes e a modernização da cidade acontecem sob sua sombra. A grande figueira “atravessa todos os tempos, participa da locação do sítio urbano, das guerras, das mortes, dos festejos, das tristezas e das alegrias de todas as gerações”<sup>3</sup>. É também sob ela que muitas personagens revelam suas inquietações, que são, na verdade, as perturbações de cada geração. Nessas ocasiões, “ela é quase uma extensão do Sobrado, numa relação íntima entre o espaço público e o privado. É a partir dela que muitas vezes as lembranças das personagens são denotadas. O contato com a árvore liberta fatos e acontecimentos guardados no âmago mais profundo de cada um”<sup>4</sup>.

A figueira é, portanto, uma espécie de símbolo, alma, essência de Santa Fé. Sua presença viva e permanente na narrativa e na vida das personagens dá-se desde a constituição do povoado. Daí poder-se, sob a sua óptica, observar-se a mudança dos hábitos e costumes, a transformação do povoado em vila e, mais tarde, em cidade, assim como sua modernização, marcada pela chegada do telefone, da luz elétrica, do aeroplano.

### **Santa Fé: de pequeno povoado a vila**

No ano de 1789 Ana Terra chega à “tapera” de Santa Fé. Ana vivia com a família em um rancho isolado no Continente do Rio Grande de São Pedro. O avô, Juca Terra, tropeiro paulista, deixara ao pai de Ana, Maneco Terra, a carta da sesmaria que compreendia a estância. Por influência de Juca, Maneco deixa Sorocaba em direção às terras do Continente. A vida no rancho dos Terra restringia-se ao duro trabalho diário. Não havia calendários, relógio, o tempo era marcado pelas estações do ano, através da observação da natureza. Mas a pior consequência do isolamento no qual a família vivia, sem dúvida, era a falta de proteção contra ataques dos castelhanos, muito comuns no período.

A vida de Ana muda quando ela encontra um índio ferido na sanga próxima ao rancho. Pedro Missioneiro deixara os Sete Povos quando a luta dos índios contra os portugueses e espanhóis, em decorrência do Tratado de Madri, foi vencida pelos

européus. É em *A Fonte*, primeiro capítulo em ordem cronológica da obra de Erico Verissimo, que se conhece essa história. Pedro, filho de uma índia violentada por um vicentista, nasceu em uma redução, onde foi catequizado. Ainda criança revelou uma grande sensibilidade, a qual se converteu em premonições, antevistas do futuro. É devido a esse dom que sabe da morte do grande herói guarani Sepé Tiaraju. Quando a guerra já havia sido definitivamente perdida pelos índios, Pedro foge da redução levando o punhal de prata do Padre Alonzo, seu padrinho.

Ana e Pedro se envolvem e sua gravidez resulta no assassinato do índio pelos homens da família Terra. Anos mais tarde, o grande temor dos Terra se concretiza: a estância é invadida por um grupo de castelhanos. Depois de violentada sexualmente, Ana fica sozinha com o filho Pedro, a cunhada Eulália e a sobrinha Rosa. Sem saber o que fazer e para onde ir, ela encontra, na passagem da caravana de Marciano Bezerra pela estância destruída, uma nova esperança. Une-se a eles para “subir a serra”<sup>5</sup>, em direção às terras do Coronel Ricardo Amaral, que desejava fundar um povoado. Após meses de viagem, chegaram “ao alto duma coxilha verde onde se erguiam uns cinco ranchos de taipa cobertos de santa fé”<sup>6</sup>. Era o núcleo inicial de Santa Fé.

A figueira aparece na obra pela primeira vez na ocasião em que Marciano Bezerra apresenta Ana ao “senhor da estância de Santa Fé [...] Ricardo Amaral chegou um dia montado no seu cavalo alazão, com aperos chapeados de prata, muito teso, de cabeça erguida e um ar de monarca. As largas abas do chapéu sombreavam-lhe parte do rosto. Ficou sob a figueira grande, à frente dos ranchos, e os poucos habitantes do lugar vieram cercá-lo”<sup>7</sup>. Na cena, logo, a figueira marca o lugar do poder.

Ana e a família, ajudada por vizinhos, constroem seu rancho. Ela se torna a parteira do lugar, dando nova utilidade à velha tesoura que pertencera a sua mãe. Anos depois, “exatamente no dia em que Pedro Terra anunciou seu noivado com Arminda Melo, chegaram ali os primeiros boatos de guerra”<sup>8</sup>. Essa, então, é a primeira das muitas guerras que a figueira grande presencia, como local de preparação e de espera. Quando a luta finda e Pedro retorna, para a alegria de Ana, “as mulheres cujos maridos, filhos, irmãos ou noivos não tinham voltado ficavam ainda um instante, meio estupidificadas, a esperar por eles debaixo da grande figueira”<sup>9</sup>.

Com a morte do Coronel Ricardo em batalha,

<sup>3</sup> *ibid.*, p. 232

<sup>4</sup> *ibid.*, p. 232

<sup>5</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Regina Zilberman - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V.1, p. 164.

<sup>6</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Regina Zilberman - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V.1., p. 168.

<sup>7</sup> *ibid.*, p.173.

<sup>8</sup> *ibid.*, p.177.

<sup>9</sup> *ibid.*, p.182.

seu filho, Chico Amaral, torna-se o novo senhor de Santa Fé e, sob a sombra da figueira, noticia aos moradores a concessão do terreno necessário para a construção do povoado: “o novo senhor de Santa Fé chegou a cavalo e, bem como fazia o pai, postou-se debaixo da figueira, chamou os moradores dos ranchos e contou-lhes que o administrador da redução de São João lhe mandara um ofício concedendo o terreno necessário para edificação do povoado”<sup>10</sup>. Portanto, a figueira aparece como o local da coletividade, mas de uma coletividade passiva e submissa ao “senhor” do povoado.

Chico Amaral esclarece, ainda, que “cada rua do povoado devia ter sessenta palmos craveiros de largura e cada morador ia receber um lote de cinqüenta palmos contados na frente da rua e duzentos palmos de fundo, devendo no prazo máximo de seis meses requerer título legítimo aos senhores do governo”<sup>11</sup>. A planta da povoação, mandada fazer pelo senhor de Santa Fé, tinha “uma praça, no centro da qual ficaria a figueira, três ruas de norte a sul e quatro transversais de leste a oeste. Meses depois mandou começar a construção da capela com madeira dos matos próximos” p. 185)<sup>12</sup>. Santa Fé, portanto, nasce a partir da figueira, que ocupa o centro da praça e, também, do povoado.

No ano seguinte há a construção do casarão de pedra dos Amarais, aquela que é, por algum tempo, a maior e mais imponente construção de Santa Fé. Devido a sua posição geográfica, o povoado torna-se lugar de passagem de viajantes. “Trapeiros que vinham de Sorocaba comprar mulas nas redondezas gostavam do lugar e iam ficando por ali. E o nome de Santa Fé começou a ser conhecido em todo o município do Rio Pardo e fora dele”<sup>13</sup>.

Mais de vinte anos depois, em uma “tarde de outubro de 1828”<sup>14</sup>, o leitor reencontra o povoado. Com a chegada do Capitão Rodrigo Cambará - tipo encantador, que vivia livremente a andar e guerrear pelo Rio Grande e que, nos períodos de paz, sentia-se “meio sem jeito”<sup>15</sup>-, sabe-se que Santa Fé já possui uma venda, a do Nicolau. A capela agora tinha um pároco, o Padre Lara, e já havia um cemitério, o qual “ficava no alto duma coxilha, a um quarto de légua do povoado”<sup>16</sup>.

Também se sabe que, como no antigo rancho

dos Terra, “não havia datas. Esse era um característico das gentes daquele lugar: ninguém sabia muito bem do tempo. Os únicos calendários que existiam no povoado eram os da casa dos Amarais e o do vigário [...]. Os outros moradores de Santa Fé continuavam a marcar a passagem do ano pelas fases da lua e pelas estações”<sup>17</sup>. Outro aspecto semelhante à vida no rancho isolado era o medo contínuo, a insegurança deflagrada pelos constantes ataques de índios ou castelhanos. “Pedro vivia com um temor negro no coração. Sabia de casos horríveis: povoados atacados pelos índios que saqueavam as casas, matavam os homens e violentavam ou raptavam as mulheres [...]. Havia ainda e sempre o perigo das guerras; e os castelhanos não estavam muito longe de Santa Fé”<sup>18</sup>. A solução aos ataques ainda se mantinha a mesma: ir para Rio Pardo, Viamão, Porto Alegre, ou seja, lugares que, por mais povoados e menos isolados, “estavam menos sujeitos aos ataques dos selvagens”<sup>19</sup>. Logo, o pequeno povoado já havia crescido, mas ainda não tinha conquistado uma proporção e recursos capazes de garantir segurança aos seus moradores.

Através da janela da venda do Nicolau, Rodrigo avista “a praça, com a grande figueira no centro, as casas em torno e os verdes campos que circundavam o povoado”.<sup>20</sup> e conclui: “- É. Pode ser que eu fique por aqui”. E é isso que acontece, pois se apaixona por Bibiana Terra, filha de Pedro. Esse, portador da desconfiança característica da família, nunca se mostra satisfeito com o genro, ainda que não impeça a filha de se casar com Rodrigo.

Bibiana é a primeira personagem da família Terra a possuir uma relação mais próxima e afetuosa com a figueira. Isso fica bem evidente ao se conhecer que: “quando menina ela gostava de trepar naquela árvore grande. [...] ficava horas debaixo da figueira, que ela considerava sua propriedade”<sup>21</sup>. Ela é quem primeiro encontra o corpo de Inocêncio Carijó enforcado em um dos galhos da árvore, inaugurando uma prática que ocorre mais algumas vezes durante a narrativa. A figueira, portanto, além de simbolizar o nascimento do povoado, a alma de Santa Fé, também se relaciona à morte. Em razão de seus altos galhos, torna-se palco de enforcamentos, tanto suicidas, quanto execuções, como se verá mais adiante. Faz-se presente, dessa forma, na vida e na morte, constatação

<sup>10</sup> *ibid.*, p.184-185.

<sup>11</sup> *ibid.*, p. 185.

<sup>12</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Regina Zilberman - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V.1, p. 185.

<sup>13</sup> *ibid.*, p. 185.

<sup>14</sup> *ibid.*, p. 209.

<sup>15</sup> *ibid.*, p. 221.

<sup>16</sup> *ibid.*, p. 223.

<sup>17</sup> *ibid.*, p. 223.

<sup>18</sup> *ibid.*, p. 233.

<sup>19</sup> *ibid.*, p. 233.

<sup>20</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Regina Zilberman - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V.1, p.221.

<sup>21</sup> *ibid.*, p. 234-235.

que contribui ainda mais para legitimar sua relevância simbólica dentro da narrativa.

Outra prática que se repete ao longo do romance, nas várias gerações da família Terra Cambará, é fazer da sombra da figueira lugar de conversas, discussões, confissões. Isso acontece ainda antes de Rodrigo casar-se com Bibiana, quando ele e o Pe. Lara travam um longo diálogo sobre as “Sagradas Escrituras” sob a proteção da árvore. Durante essa conversa, Rodrigo confessa ao padre sua paixão pela filha de Pedro Terra.

Ainda desse período data a chegada das primeiras famílias de imigrantes. Esse fato necessita ser ressaltado, uma vez que a imigração terá papel fundamental na constituição e desenvolvimento de Santa Fé como cidade moderna. Os “Kunz e Schultz – que falavam um pouco de português – fizeram compras na venda de Rodrigo e pernoitaram com suas famílias debaixo das duas carroças, sob a grande figueira”<sup>22</sup>. Neste trecho há referência à venda que Rodrigo abriu com o cunhado, Juvenal. Santa Fé, portanto, já possuía dois pequenos estabelecimentos comerciais. A figueira, outra vez, aparece como testemunha dos acontecimentos e mudanças do povoado.

Os hábitos e costumes dos alemães despertaram estranheza nos habitantes de Santa Fé. A primeira grande diferença dizia respeito ao aspecto das moradias. Enquanto as dos “nativos” eram extremamente simples, muitas mantinham ainda o tipo de telhado que denominara o povoado e possuíam somente o indispensável, as dos alemães “eram graciosos chalés de madeira, muito limpos, que tinham até cortinas e vasos de flores na janela”<sup>23</sup>. E ainda, “diziam que lá dentro até o cheiro das coisas era diferente”. Além disso, os chalés possuíam “jardins bem cuidados [...], com seus canteiros caprichosos e suas flores”<sup>24</sup>.

A noite da entrada do “Ano-Bom” de 1834 foi de grande comemoração: “houve festa grande na praça do povoado, com quermesse, jogos e fandango”.<sup>25</sup> E, além da felicidade pela chegada do novo ano, havia um motivo maior para festejar: “a Assembléia Provincial tinha aprovado a resolução que elevava Santa Fé a vila e a desmembrava do município de Cachoeira. Anunciava-se que em fins de janeiro haveria ali uma eleição para escolher os membros da primeira Câmara Municipal; e que dentro de poucas semanas seria criado um serviço regular de correio

entre Santa Fé, Rio Pardo e São Borja!”<sup>26</sup>.

Através do serviço de correio é que, no ano seguinte, Santa Fé recebe a notícia do início da Revolução Farroupilha: “tinha rebentado a revolução e Bento Gonçalves da Silva, chefe supremo das forças revolucionárias, havia atacado e tomado Porto Alegre!”<sup>27</sup>. Rodrigo, que já havia partido há tempo, vem com sua tropa para Santa Fé, onde é morto ao tentar invadir a casa dos Amarais, os quais lutavam ao lado do governo. Bibiana fica sozinha com seus filhos.

## Cabeça de Comarca

Na seqüência cronológica da obra, Santa Fé aparece em 1850, quando é elevada de vila à cabeça de comarca. Através do “Almanaque de Santa Fé”, escrito pelo primeiro Juiz de Direito, Dr. Nepomuceno Garcia de Mascarenhas, pode-se perceber o crescimento do lugar.

Segundo o “Almanaque”, Santa Fé “possuía agora sessenta e oito casas, entre as de tábuas e alvenaria, e trinta ranchos cobertos de capim; [...] sua população já subia a seiscentas e trinta almas. [...] contava com quatro bem sortidas casas de negócio, uma agência do correio – ‘cuja mala, lamentamos dizê-lo, chega apenas uma vez por semana’ – uma padaria, uma selaria e uma marcenaria”<sup>28</sup>. O juiz cita ainda a presença do Dr. Carl Winter, médico alemão “que fixou residência nesta vila em 1851”<sup>29</sup>.

Também é através do Almanaque que o leitor toma conhecimento da existência de um sobrado, construído por “um tal Aguinaldo Silva”. O sobrado seria, de acordo com o juiz Nepomuceno, uma “maravilha arquitetônica que rivaliza com as melhores construções que vimos no Rio Pardo, em Porto Alegre e até na corte”<sup>30</sup>. Há, ainda, descrições detalhadas da fachada e do interior do casarão.

Aguinaldo Silva, pernambucano, gerava desconfiança e comentários entre os moradores do lugar. Sua vida pregressa era um mistério e na vila estabelecera-se emprestando dinheiro a juros, apossando-se de muitas propriedades, cujos donos não conseguiam saldar suas dívidas. Foi assim que conseguiu a casa de Pedro Terra, derrubada para ceder lugar ao sobrado.

Coube a Bolívar, filho de Bibiana e do capitão Rodrigo, retomar as terras do avô, através de seu casamento com Luzia, neta de Aguinaldo. Essa, uma das

<sup>22</sup> *ibid.*, p. 321.

<sup>23</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Regina Zilberman - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V.1, p. 329.

<sup>24</sup> *ibid.*, p. 330.

<sup>25</sup> *ibid.*, p. 330.

<sup>26</sup> *ibid.*, p. 330.

<sup>27</sup> *ibid.*, p. 347.

<sup>28</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Porto Alegre: Editora Globo, 1955. V. 2.p. 509.

<sup>29</sup> *ibid.*, p.509.

<sup>30</sup> *ibid.*, p. 511.

personagens mais emblemáticas da trilogia, contrastava fortemente com o provincianismo de Santa Fé. Entretanto, Bibiana não só concorda com o casamento, como vê nessa união a possibilidade de “tomar o Sobrado. Não de assalto, aos tiros, como o capitão Rodrigo. Agora não havia nenhuma pressa. Era mulher, tinha paciência, estava acostumada a esperar... [...] Um dia Aguinaldo morre, Bolívar fica de dono de tudo, eu volto pras minhas árvores, vou ver nascer os filhos de meu filho, vou ajudar a criar meus netos...”<sup>31</sup>.

Na véspera do noivado, é sob a figueira que Bolívar, insone, senta-se com seu primo Floriano e confessa seu temor de ser o culpado pelo enforcamento do negro Severino, marcado para o dia seguinte. Recordar-se da infância, em que a sombra da árvore foi palco de tantas brincadeiras. Lembra-se ainda que, quando crianças, ele, o primo e o negrinho Severino “tinham gravado seus nomes a ponta de faca naquela tronco. Como não soubesse escrever, Severino desenhara ali apenas uma cruz”<sup>32</sup>, marcando o local onde, no futuro, viria a morrer. Mais uma vez, logo, a grande árvore liga-se à morte.

Parece interessante observar a imagem que Bolívar faz da árvore:

aquela figueira sempre lhe dera a impressão duma pessoa, duma mulher que tivesse a cabeça, os braços e os ombros enterrados no chão e as pernas erguidas para o ar, muito abertas. Bolívar tinha treze anos quando descobriu a semelhança, e desde então começou a amar secretamente a figueira. Às vezes ficava montado bem na parte em que as duas pernas da ‘mulher’ se ligavam ao tronco; enlaçava com ambos os braços uma das coxas e, de olhos fechados, ansioso e trêmulo, ficava ali longo tempo, com o coração a bater descompassado de prazer e de medo – prazer de amar a figueira-mulher; medo de alguém aparecesse e o visse fazendo aquilo. [...] aquela árvore tinha sido para ele tudo: cavalo, carreta, castelo, abrigo, amante...<sup>33</sup>.

A vila nesse período pode ser analisada por meio das cartas endereças pelo médico Carl Winter a seus amigos:

a paisagem era civilizada, mas os homens não. Tinham rudes almas sem complexidade, e eram movidos por paixões primárias. A lida dos campos e das fazendas tornava-os ásperos e agressivos [...]. Era raro passar uma geração que não visse pelo menos uma guerra ou uma revolução [...]. Mercê dessas lutas haviam surgido verdadeiros senhores feudais na província. Eram os estancieiros como o Cel. Amaral<sup>34</sup>.

Sem dúvida, o poder exercido por esses estancieiros podia ser comparado aos dos senhores feudais. E, assim como na Idade Média, era a proteção que só eles eram capazes de proporcionar, tornando a vida nos pequenos povoados mais segura, que os mantinha em tal posição. Essa busca pela segurança, como já se viu, é constante, nessa época, entre os moradores do Continente – e foi significativa para a ida de Ana Terra para Santa Fé -, daí a importância da vida em comunidades, povoados, cidades. Nesse sentido, Le Goff afirma, referindo-se à Idade Média, que “a segurança é uma obsessão urbana, muito consciente e muito viva. A cidade é, com relação ao campo, à estrada e ao mar, um pólo de atração de segurança”<sup>35</sup>.

Winter, ainda, enfatiza a importância do cavalo para o gaúcho, seu código de honra rígido, seu sangue quente. “Tratava-se positivamente duma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha”<sup>36</sup> Ou seja, o crescimento de Santa Fé, a chegada de “estrangeiros” - europeus ou de outros estados brasileiros -, não modificaram os hábitos e costumes dos habitantes locais.

Em 1855, nova e importante mudança acontece: “a Assembléia Provincial autorizou o estabelecimento duma colônia alemã, a três léguas de Santa Fé”<sup>37</sup>. O Cel. Amaral, como senhor de Santa Fé, expõe as “regras” do lugar, especialmente a Otto Spielvogel, “uma espécie de chefe natural daquele grupo”<sup>38</sup>. Os alemães “deram à colônia o nome de Nova Pomerânia, porque a maioria [...] tinha vindo daquela região. [...] A cada família coube um lote de 100 braças de frente por 1500 de fundo”<sup>39</sup>.

Os anos posteriores são marcados pela guerra: guerra silenciosa entre Bibiana e a nora, deflagrada com a morte de Bolívar; e a Guerra do Paraguai,

<sup>31</sup> *ibid.*, p. 570.

<sup>32</sup> *ibid.*, p. 540.

<sup>33</sup> VERÍSSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Porto Alegre: Editora Globo, 1955. V. 2, p. 534.

<sup>34</sup> *ibid.*, p. 561.

<sup>35</sup> LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora a UNESP, 1988, p. 72.

<sup>36</sup> VERÍSSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Porto Alegre: Editora Globo, 1955. V. 2, p. 563.

<sup>37</sup> *ibid.*, p. 656.

<sup>38</sup> VERÍSSIMO, parte I, vol. 2, 1955, p. 656.

<sup>39</sup> *ibid.*, p. 657.

durante a qual

Santa Fé não apenas estacionara: mostrava mesmo sinais de decadência. As obras da igreja nova, iniciada em 1863, foram interrompidas por falta de dinheiro e de braços. [...] Os campos do município achavam-se quase despovoados [...]. As lojas viviam às moscas; fazia-se pouco negócio. O correio chegava com irregularidade, quando chegava<sup>40</sup>

### Santa Fé já é cidade

Licurgo, filho de Bolívar e Luzia, cresce no Angico, a estância da família. Criado em meio aos causos de Fandango – representante do típico gaúcho -, às lidas no campo, aos animais da fazenda, é o primeiro Terra-Cambará estancieiro. Suas idéias, contudo, já se mostram um pouco mais liberais que as das gerações anteriores. É republicano, defende o fim do trabalho escravo, ainda que o faça mais por adequação política do que por convicção.

A presença da política marca o povoado desse período em diante. Os conflitos, que até então se restringiam à luta física, passam a se fazer também mediante idéias, expressas e defendidas através dos jornais. A elevação de Santa Fé à categoria de cidade, em 24 de junho de 1884, é anunciada pelos dois jornais rivais: *O Arauto*, de ideário federalista e liderado pela família Amaral, e *O Democrata*, órgão do Clube Republicano, do qual Licurgo era membro. Enquanto o primeiro enfatiza o baile que será realizado no Paço Municipal, o segundo dá conta da festa que ocorrerá no Sobrado, na qual Licurgo “*num gesto que deve ser imitado por todos os bons brasileiros, dará carta de manumissão a todos os seus escravos*”<sup>41</sup>.

Além desses dois eventos, o dia é marcado pelo alvorecer com a Banda de Música Santa Cecília, orientada e organizada por Carl Winter, por uma missa e “*pelas tradicionais Cavalhadas, nas quais tomarão parte como mouros e cristãos pessoas da nossa melhor sociedade*”<sup>42</sup>, que ocorrem na praça da Matriz. A figueira recebeu guirlandas de flores artificiais, enquanto as demais árvores e os postes de iluminação receberam bandeirinhas coloridas.

Durante esse período as referências à estrutura urbana de Santa Fé dão conta de que a venda agora freqüentada era a do Schultz. Há uma farmácia, a Farmácia Galeno, uma sapataria, a Serrana, e uma casa comercial chamada Casa Sol, de propriedade de

Marcelino Veiga - estabelecimento que figurará na cena urbana de Santa Fé até o fim da narrativa. Também já existe na cidade, como se viu acima, uma banda. Santa Fé, portanto, começa a possuir um maior número de elementos capazes de garantir um maior nível de urbanidade e, conseqüentemente, de independência em relação às cidades vizinhas. Nesse período, parece encaixar-se naquilo que Delle Donne denomina como “aldeia-centro”, o primeiro grau da escala hierárquica dos centros urbanos. A aldeia-centro, “à margem de uma organização espacial propriamente urbana, reúne um certo número de comércios elementares: o mercado, uma farmácia, uma tabacaria, um cartório notarial, um bazar, etc.”<sup>43</sup>.

A rivalidade entre republicanos e federalistas, a qual aparece referida nessa parte da obra, toma a proporção de uma guerra fratricida, a Revolução Federalista, que assustou o Rio Grande entre 1893 e 1895. “O Sobrado”, capítulo que serve de moldura para *O Continente*, trata justamente dessa revolução. Licurgo - já casado com sua prima Alice, pai de Toríblio e Rodrigo -, sua família e aliados encontram-se no Sobrado, cercados pelos federalistas que tomaram a cidade. É em meio às incertezas, fome, medo e morte marcantes desse cerco que o capítulo se desenvolve. Aqui aparece Maria Valéria, irmã de Alice, a personagem feminina que herda a resignação, a praticidade, a moral das mulheres Terra. É ela quem conduz tais características até o final da trilogia.

Em razão desse capítulo transcender em um ambiente recluso, não há novas referências à organização da já cidade de Santa Fé. O que se sabe é que, como cidade, Santa Fé possui agora uma Intendência, da qual Licurgo Terra Cambará é o primeiro representante. Isso pode ser observado quando se diz injustiçado com o cerco a sua casa:

desde que se proclamou a República foi ele sempre a autoridade máxima de Santa Fé. Com a queda da Monarquia os Amaral perderam os cargos públicos e o prestígio. E desde 89 ele, Curgo, não fez outra coisa senão trabalhar pelo progresso e pela felicidade de sua terra. Foi eleito Intendente municipal de Santa Fé pelo voto livre da população e por uma maioria inapelável [...]. Depois de eleito, recusou-se a receber seus honorários. Muitas vezes chegou a tirar dinheiro do próprio bolso para custear obras públicas: construir pontes, reparar estradas e ruas<sup>44</sup>.

Durante o cerco, do qual a praça fica no meio, a figueira novamente aparece como testemunha viva

<sup>40</sup> *ibid.*, p. 729.

<sup>41</sup> *ibid.*, p. 857.

<sup>42</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Porto Alegre: Editora Globo, 1955. V. 2, p. 855.

<sup>43</sup> DELE DONNE, Marcela. *Teorias sobre a cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 101.

<sup>44</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte I: *O Continente*. Porto Alegre: Editora Globo, 1955. V. 2, p. 717.

e simbólica. Depois de mais uma noite fria de vigília, “a figueira grande, que a geada prateia, parece uma cabeça que envelheceu durante a noite”<sup>45</sup>, como se embranquecesse com a violência da Revolução Federalista.

### Santa Fé e a chegada do século XX

É na segunda parte da trilogia, *O Retrato*, que se pode observar como a cidade de Santa Fé desenvolveu-se. No capítulo “Chantecler”, o primeiro em ordem cronológica, Rodrigo Terra Cambará, então menino durante o cerco ao Sobrado, já é um jovem de 24 anos e que, formado em Medicina, retorna a Santa Fé. O ano é 1909 e o meio de transporte que traz Rodrigo à sua terra já denota o quanto a cidade se desenvolveu: ele viaja de trem.

Ao aproximar-se do município, Rodrigo descreve a existência de um subúrbio na cidade:

Rodrigo olhava para os casebres miseráveis do Purgatório e para suas tortuosas ruas esbarrocadas de terra vermelha. E aqueles rancho de madeira apodrecida, cobertos de palha ou capim; aquela mistura desordenada e sórdida de molambos, painéis, gaiolas, gamelas, latas, lixo [...]. Crianças seminuas e sujas, com enormes barrigas de opilados, brincavam na terra no meio de galinhas, cachorros e ossos de rês<sup>46</sup>.

Além do Purgatório, Barro Preto e Sibéria completavam as regiões mais pobres do município. Também aparecem com destaque, a partir desse ponto da narrativa, os distritos de Nova Pomerânia e Garibaldina, habitados, respectivamente, pelos imigrantes alemães e italianos.

A idéia da figueira como o grande símbolo de Santa Fé faz-se mais evidente diante da reação de Rodrigo ao avistar a árvore: “o carro continuou a andar e dentro de pouco entrou na praça da Matriz. Ao avistar a figueira, Rodrigo não pôde conter uma exclamação: - Olha ela! Olha ela!”<sup>47</sup>. Rodrigo, logo, é outro Terra-Cambará que possui uma forte ligação com a árvore. É sob ela que costuma ter longas conversas confessionais com o irmão Toríbio e, como seu bisavô - do qual herdara o nome -, é onde também conversa com o padre da cidade a respeito de Deus. A árvore, para Rodrigo, parece realmente representar Santa Fé,

toda a sua história, por ela presenciada. Isso fica bem claro no comentário que faz ao irmão:

ao chegarem ao pé da árvore, Rodrigo estacou e pôs-se a examinar o tronco cheio de sinais, nomes e iniciais gravados a faca e canivete. - Quantas gerações terão deixado sua marca nesse tronco! Daqui a mil anos, os historiadores tentarão reconstruir a história de Santa Fé através destes hieróglifos<sup>48</sup>.

Ou seja, enquanto as gerações passaram e passarão, deixando suas marcas, a figueira sempre continua em seu lugar, como representação viva e atemporal de Santa Fé.

Através do olhar de Rodrigo sobre a cidade, seja a partir da água-furtada do Sobrado - o “castelo”, como ele e Bio chamavam -, seja por meio de passeios pelas ruas de Santa Fé, o leitor pode observar como ela mudou e cresceu. Esses recursos narrativos, muito utilizados por Erico, possibilitam, respectivamente, uma visão mais ampla, de cima, e um olhar direto e próximo. Ao observar a terra natal pela janela do “castelo”,

Rodrigo dominava com o olhar sua cidade, via-lhe os telhados em meio da densa vegetação dos quintais. Santa Fé resumia-se em duas ruas que corriam de norte a sul – a do Comércio e a dos Voluntários da Pátria – cortadas por cinco outras de menor importância, ruas esbarrancadas de terra batida e sem calçadas, onde pobres meias-águas e casas de madeira se erguiam em precário alinhamento, entremeadas de terrenos baldios, onde cresciam ervas daninhas e os moradores das vizinhanças iam atirando dia a dia o seu lixo. A rua do Comércio era a única calçada de pedra, e nela ficavam o Clube Comercial, a Confeitaria Schnitzler, o Centro Republicano e as principais casas de negócios<sup>49</sup>.

No primeiro passeio de Rodrigo pelas ruas da cidade, o leitor conhece seus novos estabelecimentos comerciais. Há agora, além da Casa Sol, a funerária do Zé Pitombo, ou “Zé defunteiro”; a Padaria Estrela-d’Alva, do Chico; a Confeitaria Schnitzler, do alemão

<sup>45</sup> *ibid.*, p. 1005.

<sup>46</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Marco Antonio Villa. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 93.

<sup>47</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Marco Antonio Villa. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p.98.

<sup>48</sup> *ibid.*, p. 131.

<sup>49</sup> *ibid.*, p. 122.



com mesmo nome; a barbearia Salão Capadócio, do Neco Rosa. Também se conhece a existência de uma nova praça, a praça Ipiranga, onde “ficavam as residências mais novas de Santa Fé e o Teatro Santa Cecília, com sua fachada cor-de-rosa, no centro de cujo frontão triangular sustentado por duas colunas se via, em alto-relevo as máscaras da Comédia e da Tragédia”<sup>50</sup>. Havia, ainda, a alfaiataria Ao Chic de Paris, propriedade do homossexual Salomão. Essa figura, como não poderia ser diferente, estava totalmente em desacordo com as regras que norteavam os habitantes daquele chão. E mesmo ele, o moderno Rodrigo, revela ao leitor que “sentia que esse verniz de leitura e estudo era nele uma camada tenuíssima, embora brilhante, através de cuja transparência se podia ver a olho nu o Cambará macho para quem o vício de Salomão constituía a maior das vergonhas que podem cair sobre um homem”<sup>51</sup>.

Além desses estabelecimentos, ao longo do capítulo, sabe-se que há duas farmácias, a Humanidade e a Popular – adquirida por Rodrigo que, junto a ela, abre seu consultório –; a antiga venda Schultz agora é a Casa Schultz; a Funilaria Vesúvio, do italiano Camerino; a Livraria e Papelaria Brasil, além da Pensão Veneza, prostíbulo freqüentado pelos irmãos Terra-Cambará e seus amigos. Santa Fé possui, ainda, uma escola, o Colégio Champagnat. Outra novidade é o Sport Club Charrua, primeiro time de futebol da cidade, do qual Rodrigo é presidente honorário. A falta de informação sobre o esporte fica bem marcada, adequando-se perfeitamente à época e divertindo o leitor atual. Contudo, é a existência de telefone no Sobrado, aparelho tão estranho e quase sobrenatural para a Dinda, que assinala um maior grau de modernidade à vida dos santafezenses no período.

Em meio a essas evoluções urbanas da cidade, Rodrigo ainda a vê na Idade Média. Aquele que considera o principal fator de atraso de Santa Fé é a falta de luz elétrica. A iluminação ainda era feita por lampiões de querosene, acesos diariamente pelo negro Sérgio, os quais ficavam “no alto de postes de madeira pintados de azul”<sup>52</sup>, alinhados ao longo das calçadas. A luz elétrica, para Rodrigo, além de representar uma vida mais confortável, propiciaria a apreciação de uma de suas formas de arte preferidas: o cinema. Seu desejo de trazer a luz à cidade é tão grande que, na volta de uma viagem a Porto Alegre, “reuniu no Sobrado as

pessoas mais importantes de Santa Fé e expôs-lhes o plano da organização duma sociedade anônima para explorar o fornecimento de luz elétrica à cidade” (ibid., p. 115). No entanto, ninguém demonstra interesse, fato que o desaponta. Além da falta de energia elétrica, não há água encanada. É o Zé do Meio, Ananias Silva, o “aguadeiro de Santa Fé [...] que fornecia água potável às famílias”<sup>53</sup> da cidade.

Em relação à beleza arquitetônica do município, Rodrigo não poupa adjetivos:

como eram baixas, feias e tristonhas aquelas casas! Com exceção do Sobrado, do Clube Comercial e de algumas residências como a dos Matos, a dos Quadros e a dos Fagundes, eram todas térreas e sem estilo, de fachadas caídas sem platibanda [...]. O pavimento da rua, riçado de pedras-ferro de tamanho irregular e de ordinário cobertas de finíssima poeira avermelhada, dava a impressão de ter sido feito com pedaços de pé-de-moleque<sup>54</sup>.

Santa Fé, nesse sentido, parece estar em um estágio ainda anterior à Idade Média, isso porque “a Idade Média criou a beleza artística urbana, dando origem a um novo urbanismo”<sup>55</sup>. Entretanto, ao lado do interesse político, a preocupação com o embelezamento arquitetônico da cidade aparece na construção do novo palacete da Intendência Municipal, o qual “tem uma cúpula no centro, muito grandiosa”<sup>56</sup>, evidenciando uma mudança em relação à preocupação com a aparência da cidade.

Rodrigo, portanto, é a personagem que representa a modernidade. Admirador de Paris, da cultura européia, traz a Santa Fé seu gramofone e suas “chapas” de ópera, livros, enlatados e vinhos importados, além de uma assinatura de *L'illustration*, já que, como dizia, “a França é minha segunda pátria. Que seria do mundo sem a França? [...] Lá é que está a verdadeira civilização”<sup>57</sup>. O desenvolvimento tecnológico do período fascinava-o. Numa conversa com Bio, enumera as “maravilhas do engenho humano”:

o telefone, o telégrafo, a luz elétrica, o

<sup>50</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Marco Antonio Villa. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 146.

<sup>51</sup> ibid., p. 149.

<sup>52</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 2, p. 132.

<sup>53</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Marco Antonio Villa. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 133.

<sup>54</sup> ibid., p. 132.

<sup>55</sup> LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988, p.119.

<sup>56</sup> Ibid. p. 108.

<sup>57</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Marco Antonio Villa. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 212.

navio a vapor, a estrada de ferro, o microscópio, o automóvel, o aeroplano. Não te esqueças também dos milagres da medicina. Enquanto estamos aqui conversando fiado, em várias partes do mundo, nesta mesma hora homens encurvados sobre seus microscópios e suas mesas de trabalho descobrem drogas que hão de salvar milhares de vidas ou inventam coisas que contribuirão para tornar nossa existência mais fácil, mais confortável e mais bela<sup>58</sup>.

As referências ao desenvolvimento tecnológico, notícias e comentários sobre acontecimentos mundiais só aparecem no início do século XX, devido, sem dúvida, à ampliação das possibilidades e meios de comunicação. O desenvolvimento da cidade trouxe, portanto, a capacidade de olhar além das verdes coxilhas que circundavam sua paisagem. Nesse sentido, aparecem as notícias e temores da passagem do cometa Halley, as referências às idéias e cultura estrangeira, personificadas em seus escritores, filósofos, compositores, musicistas.

Em relação a isso, os jornais apresentam importância ímpar. O *Correio do Povo*, jornal fundado em 1895, aparece então como um dos mais destacados do estado e amplamente citado da narrativa. Além de instrumentos de informação, os periódicos constituem meio de propagação e discussão de ideologia política. Como já dito, as guerras agora possuem um novo campo de batalha: as folhas dos jornais. E isso é tão forte que Rodrigo chega a criar *A Farpa*, para fazer oposição a *A Voz da Serra*, jornal da ideologia contrária, então personificada na figura de Titi Trindade e de seu “capacho”, Amintas Camacho. O período inicia, ainda, outra atividade ligada à política, a qual será constante a partir de então: a realização de comícios na praça, ou mesmo, a partir da sacada do Sobrado.

Novamente, através do olhar “estrangeiro”, os costumes e hábitos da sociedade santafezense são descritos. O Cel. Jairo, carioca, é quem atenta para a dominação social e política de Santa Fé - representação da sociedade gaúcha - por suas famílias tradicionais, o que podia ser claramente observado no Clube Comercial: “se eu lhe disser que vossa história está toda escrita, em magnífico resumo, na face e nas vidas das gentes que hoje se acham no *réveillon* do Comercial? E se eu vos assegurar que neste

clube se agita uma espécie de microcosmo do Rio Grande?”<sup>59</sup>. De fato, o clube era freqüentado, majoritariamente, pelo “clã pastoril, os senhores de terras e gados”<sup>60</sup> que fazem “os intendentess, delegados, deputados, senadores, presidentes de estado [...]”. Em suma: é a classe que governa. Ao redor dela vive ou, melhor, vegeta a massa dos servos da terra”<sup>61</sup>. Como se pode perceber, e no dizer do cel. Jairo,

há um grupo, um importante grupo da população do Rio grande do Sul que ainda não está representado aqui, que eu saiba...o dos agricultores, o dos pequenos proprietários de terras, em sua maioria descendentes de imigrantes italianos e alemães. É que esses elementos ainda não estão bem incorporados à vossa sociedade. Noutras palavras, [...]: *ainda não entraram no Clube Comercial, onde impera a aristocracia rural!*”<sup>62</sup>.

Pepe Garcia, o pintor espanhol autor do *retrato* de Rodrigo, é outro estrangeiro que produz duras críticas à sociedade local, assim como a toda aquela que não fosse ao encontro do anarquismo, sua ideologia de vida.

Esse tipo de dominação não se restringe a Santa Fé, mas faz parte do desenvolvimento das sociedades capitalistas. De acordo com Delle Donne,

o desenvolvimento capitalista concentrou o poder numa elite que governa a comunidade prosseguindo os seus interesses através do controle de todas as alavancas políticas, económicas, institucionais, administrativas e culturais, assegurando o consenso através de uma vastíssima rede de instrumentos de manipulação<sup>63</sup>

### Santa Fé moderniza-se: a chegada da luz elétrica

Disperso entre *O Retrato* e *O Arquipélago*, o período compreendido entre 1910 e 1930 é marcado, sobretudo, pelas alterações na vida da cidade possíveis com a chegada da luz elétrica: “tinham energia elétrica em Santa Fé desde fins de 1912, mas era sempre com a sensação de fazer um milagre que Rodrigo dava volta

<sup>58</sup> *ibid.*, p. 211.

<sup>59</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Marco Antonio Villa. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 189.

<sup>60</sup> *ibid.*, p. 189.

<sup>61</sup> *ibid.*, p. 189.

<sup>62</sup> *ibid.*, p. 190.

<sup>63</sup> DELE DONNE, Marcela. *Teorias sobre a cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 156.

à chave da luz. Como aquilo era infinitamente mais prático, mais fácil, mais limpo que o acetilene!<sup>64</sup>. Santa Fé passa a ter um cinematógrafo, o Cinema Santa Cecília, que se torna o ponto de encontro, de socialização da elite da cidade. É interessante observar que o negro Sérgio, acendedor de lâmpadas, agora ocupa outra função: “distribuir de casa em casa o programa do Cinema Santa Cecília”<sup>65</sup>, encaixando-se no novo período de progresso do município.

Seguindo a evolução da sétima arte, do cinematógrafo, cujos primeiros filmes nem mesmo enredo possuíam, mas “sim pequenos relatos ou coleções de vistas naturais”<sup>66</sup>, passa-se ao cinema mudo e, mais tarde, ao cinema sonoro. Também acompanhando o que acontece no mundo, ainda em relação ao cinema, é interessante observar a substituição das histórias européias pelas norte-americanas. Paris cede lugar a Hollywood.

Outra evidência de que Santa Fé entrava e acompanhava os progressos de sua época é a presença de automóveis. Rodrigo, já casado com Flora Quadros, pai de família, é quem primeiro adquire um automóvel na cidade, modismo que se transforma em “uma espécie de competição entre um pequeno grupo de estancieiros e comerciantes locais: cada qual procurava exibir nas ruas, em passeios dominicais, o automóvel maior e mais caro”<sup>67</sup>.

Aqui, Santa Fé já parece constituir uma daquelas que Delle Donne denomina “pequenas cidades”. Elas “funcionam como mercados de recolha dos produtos agrícolas, como pontos de chegada de circuitos de distribuição, agência bancária, centro residencial da burguesia proprietária. Além dos serviços municipais acham-se nela situados alguns tipos raros de comércio como: a livraria, o cinema”<sup>68</sup>.

Em relação aos costumes, a mudança também é bem visível. Pode ser observada, por exemplo, no comportamento das mulheres: “agora muitas delas usavam ruge nas faces, batons nos lábios e algumas até bistre nas pálpebras. Senhoras casadas, de mais de quarenta anos, haviam cortado o cabelo à *la garçonne* e já se apresentavam com saias a meia canela e vestidos de ‘cintura perdida’”<sup>69</sup>. Além disso, “algumas mulheres faziam dieta, queriam estreitar os quadris, diminuir o volume dos seios, pois o ideal feminino moderno eram as figurinhas esbeltas dos figurinos europeus”<sup>70</sup>. A influência estrangeira, portanto, torna-se bastante presente.

Nesse sentido, a cidade ainda é tomada pela

voga da ‘vitrola ortofônica’ e do disco [...]. José Kern, que havia pouco abria a sua Casa Edison, foi o responsável, ou melhor, um dos instrumentos da nova mania. Vendeu dezenas de vitrolas e centenas de discos à maioria dos fazendeiros de Santa Fé, gente que em geral só pagava suas contas uma vez por ano, na época da safra. E, inaugurando na cidade e no interior do município o sistema de vendas a prestações (que o velho Babalo achou imoral), permitiu que funcionários públicos, comerciantes menores e até empregados do comércio pudessem adquirir aquelas máquinas que iam aos poucos lançando no olvido ou no ridículo os gramofones de modelo antigo<sup>71</sup>.

Nesse trecho, além da chegada da vitrola e sua grande aceitação, aparecem algumas características do então comércio local. Assim como ainda ocorre em algumas cidades gaúchas, cuja base econômica acha-se na agricultura, a realização ou o pagamento de compras na época da safra era comum em Santa Fé. A inauguração do pagamento à prestação, tão comum na atualidade, também figura como novidade. Essa nova forma de realização comercial escandaliza Babalo, Aderbal Quadros, pai de Flora, gaúcho ortodoxo. Ele e a Dinda são as duas personagens que levam os costumes, crenças, hábitos do agora antigo Rio Grande até o final da narrativa, evidenciando a transformação e adaptação do gaúcho às novas tecnologias e costumes, introduzidos e influenciados, como já se destacou, pela cultura estrangeira.

Há, ainda, duas outras importantes conquistas que marcam Santa Fé nesse período: a Casa de Saúde e a Caixa d’água. A Casa de Saúde, propriedade do Dr. Rodrigo Cambará, é um ganho expressivo nesse caminho de modernização, já que coloca o desenvolvimento a serviço da saúde e do bem-estar da população. Esses são ampliados ainda mais com a chegada da caixa d’água e a possibilidade de água encanada, concedendo aos moradores da antiga “tapera” maior conforto e qualidade de vida.

Também é nesse período que a ascensão

<sup>64</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 2, p. 147.

<sup>65</sup> *ibid.*, p. 209.

<sup>66</sup> *ibid.*, p. 212.

<sup>67</sup> *ibid.*, p. 147.

<sup>68</sup> DELE DONNE, Marcela. *Teorias sobre a cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1983p. 102.

<sup>69</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 2, p. 221.

<sup>70</sup> *ibid.*, p. 221.

<sup>71</sup> *ibid.*, p. 246.

econômica e social dos imigrantes, já iniciada, toma maiores e mais expressivas proporções. São eles que promovem o incipiente desenvolvimento industrial que a cidade inicia. Assim,

que Santa Fé se transformava, era coisa que se podia observar a olho nu. Começava a ter sua pequena indústria, graças, em grande parte, aos descendentes de imigrantes alemães e italianos como os Spielvogel, os Schultz, os Lunardi, os Kern e os Cervi, os quais, à medida que propesravam economicamente, iam também construindo suas casas de moradia na cidade e estavam já entrando nas zonas até então ocupadas apenas pelas famílias mais antigas e abastadas<sup>72</sup>.

A madeireira dos Spielvogel, a Casa Schultz, a padaria e fábrica de massas do Marco Lunardi, a Confeitaria Schnitzler, marcam a paisagem urbana da cidade, apontado para uma significativa mudança em sua organização social. Segundo Delle Donne, a mobilidade social é um “fenômeno ‘típico’ das áreas urbanizadas”<sup>73</sup>, produzida pelos incrementos e diversificação das atividades laborais.

A última revolução armada da qual Santa Fé participa e presença é o novo confronto entre federalistas e republicanos, em 1923, no qual Licurgo perde a vida. E, como anteriormente, a praça e sua figueira aparecem não só como cenário, mas como personagem, que acompanha a preparação e o final da guerra. Tornou-se “insuportável, porque os provisórios passavam o dia a fazer exercícios militares. O ar se enchia com o som marcial de cornetas, do rufar de tambores e dos berros dos instrutores”<sup>74</sup>. A praça, logo, transformou-se no campo de concentração e preparação dos “soldados” do Madrugá. Ao final do confronto, que tem como principal episódio na narrativa a invasão de Santa Fé pelos federalistas, liderados agora por Rodrigo Terra Cambará, é ela que dá o tom da paz: “as explosões dos foguetes haviam cessado e agora a banda de música tocava uma valsa. A praça, aos poucos, se enchia de gente. Ouviam-se vozes alegres sob as árvores. Os namorados tinham voltado”<sup>75</sup>.

## Fim de uma estirpe. Início de um novo tempo

Com a Revolução de 30, a qual leva Getúlio Vargas à presidência do Brasil, Rodrigo, Flora e os quatro filhos: Jango, Floriano, Eduardo e Bibi, mudam-se para o Rio de Janeiro. A então capital federal, suas tentações, suas possibilidades, acabam desintegrando o clã Cambará. Com a queda da ditadura Vargas, em 1945 e a iminência da morte de Rodrigo, que sofre um infarto e complicações decorrentes, a família retorna, completa, a Santa Fé.

É durante esse retorno e estada da família na cidade que *O Arquipélago*, última parte da trilogia de Érico, transcorre e trata majoritariamente. Nessa parte, o foco principal é a desunião da família de Rodrigo. A diferença de temperamento e ideário de seus filhos é grande: Bibi é uma mulher fútil, cujas preocupações restringiam-se à moda, às fofocas sociais. Eduardo era comunista, ainda que sua posição social pareça um tanto paradoxal ante sua orientação política. Jango mostrava-se mais ligado ao passado do gaúcho. Vivía no Angico e parecia amar mais os animais que os homens. “É um Quadros, um Terra, um homem do campo, digamos: um gaúcho ortodoxo”<sup>76</sup>, como diz Floriano. Esse, o intelectual da família, romancista, sentia-se perdido e confuso entre o Cambará e os Terra e Quadros que havia dentro dele. Aos impulsos sexuais que sentia, era tolhido pelo “medo das sanções da sua tribo, cuja maior sacerdotisa era a dona Maria Valéria, a vestal do Angico e do Sobrado, a Guardiã da Virtude”<sup>77</sup>.

Bandeira, uma espécie de filósofo local, chamado assim pelos habitantes de Santa Fé devido ao jeito desleixado de se vestir e o hábito de leitura, é mais que um amigo para Floriano, é seu confidente. É para ele que conta seus receios, suas hesitações, suas incertezas. E essas conversas acontecem, sobretudo, sob a sombra da figueira grande. Ela dá a Floriano a possibilidade do “caramujo [...] deixar sua concha [...]”. Sabe que a sombra da figueira lhe propicia esta disposição de espírito. No fundo o que vai fazer é pensar, como de costume, em voz alta, só que desta vez na presença de outra pessoa”<sup>78</sup>. É Floriano, portanto, o membro da família Terra Cambará que mantém a ancestral ligação com a árvore, símbolo de Santa Fé. Sua importância é tanta, que ela consegue propiciar o ambiente necessário e

<sup>72</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 2, p. 218.

<sup>73</sup> DELE DONNE, Marcela. *Teorias sobre a cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 149.

<sup>74</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Luiz Ruffato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 309.

<sup>75</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 2, p.88.

<sup>76</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Luiz Ruffato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p.38.

<sup>78</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Luiz Ruffato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 37.

único capaz de permitir que o caramujo veja o sol. Essa capacidade, talvez, deva-se à sua longevidade. O passado, o presente e o futuro de Santa Fé, do Rio Grande, conjugam-se na existência, presença e testemunho da árvore-símbolo.

Isso porque Floriano é a personagem que busca conjugar o passado e o presente, o que, como se pode perceber, não se resolve de maneira fácil. É ele quem procura fazer as pontes entre as ilhas, tentando criar, ao menos, arquipélagos. Quer unir a família, ligar o passado e o presente e, assim, resolver-se como ser humano e, sobretudo, como Terra-Cambará. Para isso, a solução encontrada é a escritura da saga de sua família, de Santa Fé, do Rio Grande. Nessa parte, portanto, o leitor conhece que a história lida até agora foi contada por Floriano. Daí, a singular importância do fechamento da trilogia para a plena compreensão e apreciação da obra.

Através do capítulo “Rosa-dos-Ventos”, abertura de *O Retrato*, mas que transcorre em 1945, tem-se a percepção do quanto Santa Fé tinha mudado naqueles anos de ausência da família Cambará. Às referências a estabelecimentos comerciais já tradicionais, unem-se novos nomes, como o Café Minuano e a “tradicional Loja Caramês, onde um cruzeiro vale três”<sup>79</sup>. Também se conhece que, agora, a cidade tem uma rádio, a Rádio Anunciadora Serrana, a qual podia ser ouvida através de alto-falantes, dispostos nos postes telefônicos ao longo da rua do Comércio. Há, ainda, um aeroclube, de onde parte o *Rosa-dos-Ventos*, avião de Eduardo Cambará.

Nesse momento, a observação da cidade pode partir de um ponto ainda mais alto que a janela da água-furtada do Sobrado. Por meio desse recurso, só possível então, Erico propicia uma visão ainda mais ampla e geral da cidade. No *Rosa-dos-Ventos*, Eduardo sobrevoa

sua cidade natal. Como Santa Fé tinha crescido naqueles últimos anos! Lá estava ela esparramada sobre suas três colinas, com seu casario esbranquiçado, os telhados antigos e pardacentos a contratar com o coral vivo das telhas francesas das construções mais novas; as faixas cinzentas das ruas calçadas de pedra-ferro a seguirem paralelamente ou a cortarem nítidas a sanguínea das ruas de terra batida; e, enchendo dum verde-escuro as casas daquele tabuleiro de xadrez, as maciças manchas do arvoredo

de pomares e praças [...]. A cidade estava cercada de coxilhas que fugiam na direção de todos os horizontes, cortadas pela fita de ocre avermelhado das estradas. Era uma verde e impetuosa amplidão onde se desenhavam chácaras e fazendolas com suas casas brancas, moinhos de vento, pomares, hortas, cercados, pastagens, açudes [...]. Olhando para o norte, Eduardo avistou Nova Pomerânia, com a esguia torre de sua igreja numa paródia gótica; voltando a cabeça para as bandas do poente, divisou os telhados de Garibaldina entre parreirais e ciprestes.<sup>80</sup>

Também é através do sobrevôo de Eduardo, pela chácara do avô Babalo, que uma reflexão importante sobre a nova realidade se faz:

Eduardo voltou a cabeça e vislumbrou lá embaixo, no quintal da chácara [...] o vulto do velho [...]. Era comovente ver aquele homem de mais de oitenta anos, que até princípios do século fora o estancieiro mais rico de todo o município, reduzido agora à simples condição de arrendatário numa pequena chácara onde por assim dizer ‘brincava de estância’, para aliviar a saudade dos bons tempos<sup>81</sup>.

A decadência das famílias tradicionais da cidade, marca da passagem e mudança dos tempos, também aparece em uma reflexão de Floriano:

fica a pensar nas histórias que ouviu a respeito de famílias tradicionais de Santa Fé que, abastadas e influentes há vinte ou trinta anos, foram decaindo, ao passo que imigrantes italianos, alemães, sírios e judeus prosperavam. Os Teixeiras perderam quase toda a fortuna. Dos vastos campos dos Amarais, pouca coisa hoje resta em poder da família...<sup>82</sup>.

Logo, a ascensão dos imigrantes e o declínio das famílias tradicionais, principiado no início do século XX, tomaram, nesse momento, uma proporção definitiva. Isso fica bem visível na constatação que o Veiguinha, dono da Casa Sol, faz no Clube Comercial:

<sup>79</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte II: *O Retrato*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Marco Antonio Villa. - 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 19.

<sup>80</sup> *ibid.*, p. 27.

<sup>81</sup> *ibid.*, p. 24.

<sup>82</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser; prefácio de Luiz Ruffato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 1, p. 63.

olha só essas caras [...]. Só gringos, alemães, judeus, turcos...Onde está a gente antiga, gaúchos de boa cepa? Os Macedos, os Prates, os Cambarás, os Amarais, os Fagundes... E os Azevedos? E os Silveiras? Houve um tempo que este clube era uma fortaleza [...]. Duma feita um juiz de comarca assinou uma proposta pra sócio e levou bola preta. Não era qualquer um que entrava neste clube. Hoje...é isso que estás vendo aqui. Qualquer lhewelhé com dinheiro no bolso pra pagar a jóia entra<sup>83</sup>.

Sem dúvida, o período é de importantes e definitivas mudanças, tanto tecnológicas, quanto de costumes e organização social. Os filhos do Dr. Rodrigo Cambará exemplificam bem isso e Floriano, como personificação das conseqüências dessas transformações, é quem busca conciliá-las. Em uma conversa com Tio Bicho, após a morte de Rodrigo, esse lança a síntese e demarca simbolicamente a mudança dos tempos: “com o doutor Rodrigo não morre apenas um homem. Acaba-se uma estirpe. Finda uma época. O que vem por aí não sei se será melhor ou pior... só sei que não o mesmo”<sup>84</sup>.

No *réveillon* do Comercial, o futuro de Santa Fé parece ser delineado. Pela voz de “Pereirão”, representante da nova política local, o rumo da cidade é traçado: “vocês vão ver como se dá uma injeção de óleo canforado numa cidade morta. Precisamos trazer indústrias para cá, atrair capitais para a nossa comuna! Santa Fé tem um grande futuro, como o resto do Rio Grande. Mas precisamos trabalhar. Porque tudo depende de nós”<sup>85</sup>. A “noite de Ano-Bom”, assim, não marca só a entrada de um novo ano, anuncia, também, um novo caminho para a cidade, cujo futuro Pereirão vislumbra ser promissor. E é na industrialização, marca do momento vivido, que esse futuro está.

Dessa forma, Santa Fé cresce e evolui de uma “tapera”, um amontoado de ranchos cobertos de palha santa fé, a uma cidade moderna, inserida no século XX, principiando seu desenvolvimento industrial.

Ao longo dos 156 anos em que Santa Fé aparece e que compõem a narrativa, a presença da figueira, árvore que ocupa o centro da principal praça da cidade, é constante e representativa. Parece simbolizar o próprio lugar, sua gente, sua história. Isso

se faz aparente quando se leva em conta que a árvore atravessa gerações, sempre como presença ativa, significativa. A figueira, assim como a praça, o Sobrado, parecem ser, antes de simples cenários, personagens, como diz Celia Ferraz de Souza<sup>86</sup>, que orientam a passagem do tempo ao sabor do vento, o qual norteia e carrega a narrativa.

Nessa passagem do vento e do tempo, o espaço toma uma importância ímpar. Isso porque ele possibilita que as transformações, as mudanças, a modernização sejam claramente aplicadas e observadas na narrativa. Daí a relevância e possibilidade de se analisar esse desenvolvimento através da observação do ambiente urbano.

O vento, o tempo passam, tudo muda, desenvolve-se, transforma-se, só a figueira continua lá, viva e constante, à espera das gerações futuras.

Artigo recebido em 13.07.2010.

Artigo aprovado em 05.11.2010.

<sup>83</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 3, p.456.

<sup>84</sup> *ibid.*, p. 449.

<sup>85</sup> VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*, parte III: *O Arquipélago*. Ilustrações de Paulo von Poser. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. V. 3, p.455.

<sup>86</sup> FERRAZ DE SOUZA, Celia. A representação do espaço na obra de Erico Verissimo: *O Tempo e o Vento*. In: \_\_\_\_\_. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Organização de Robson Pereira; ilustrações João Luiz Roth. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000.